

# FAXINA

*“A mensagem que dele ouvimos e que anunciamos a vocês é esta: Deus é luz, e não há nele **treva** nenhuma. Se dissermos que mantemos comunhão com ele e andarmos nas trevas, **mentimos** e não praticamos a verdade. Se andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado. Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos **enganamos**, e a **verdade** não está em nós. Se **confessarmos** os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não cometemos pecado, **fazemos dele um mentiroso**, e a sua palavra não está em nós.” (1 João 1:5-10)*

Uma **vida de confissão** é o que se oferece aos cristãos. A alternativa (não reconhecer o pecado), conforme o texto acima é escuridão, afastamento, mentira, manipulação, engano e blasfêmia. O pecado é algo muito ruim, mas não confessá-lo torna tudo pior. A disciplina espiritual da Confissão tem fronteira com vários conceitos como perdão, comunhão, oração, aconselhamento, reparação e humilhação.

**POR QUE CONFESSAR?** Vamos falar do processo de **confissão** e porque precisamos dela. O autor de Hebreus nos diz que “o visível veio a existir das coisas que não aparecem” (Hb 11:3). Muitos, ao pensar em algo “sobrenatural”, criam uma hierarquia equivocada, concebendo que o nosso mundo é **o natural e o dominante** (um conceito de normalidade referencial) e que os fatos “sobrenaturais” se aproximam de algo “duvidoso ou impossível”. Isso é um engano: o mundo invisível comanda! Nós, então, é que vivemos num “rascunho de realidade”. Dessa forma, o perdão, como outros fatos espirituais, é **real e objetivo** no reino espiritual, e pela fé, instrumentalizada na **confissão**, torna-se realidade, também, em nossas vidas subjetivas. Esse é o processo.

Deus perdoa todos os pecados dos que se aproximam dEle (Cl 2:13) e isso é FATO. Confessamos, então, porque temos a certeza do perdão (Hb 11:1). A CONFISSÃO não **gera** o PERDÃO, mas torna-o, pela FÉ, real em nossa experiência. Além disso, o perdão difere de outras realidades divinas, pois é um fato espiritual de necessidade premente, quase desesperada, por aquele que vive o evangelho de Jesus. Sem perdão, afetamos o nosso desempenho em todas as outras disciplinas espirituais. Outras dádivas como poder, posição celestial, paz, libertação do pecado e da lei e os diversos gomos do fruto do Espírito podem ser absorvidas com mais tempo e calma. O perdão, diferentemente e em muitos casos, se não usufruído imediatamente, adoece e paralisa toda a nossa existência.

É fato que Deus deseja perdoar (1 Tm 2:3-4). O Calvário, mais do que a solução de um dilema teológico, foi um ato de amor. E é nesse Amor que colhemos evidências da disponibilidade do perdão: Ele nos amou primeiro, assim como somos (1 Jo 4:19). Ele nos atrai pelo Seu Amor (Os 11:4). Ele nos abraça ao nos encontrarmos com Ele (Lc 15:20). Ele celebra quando nos arrependemos (Lc 15:10). Em suma: Deus quer perdoar. Ou melhor: Deus perdoa! Fomos alvos da redenção. E como absorvemos isso?

No Salmo 51:3 lemos “... *Meus pecados estão sempre diante de mim...*”. Como não sucumbir a uma consciência tão terrível? Olho pra frente e vejo os meus pecados. Porém, se o perdão do Senhor é também nossa lembrança contínua, sabemos que o “pecado abundou”, mas a graça o excedeu (Rm 5:20)!

Há, então, um equilíbrio constante, que nos traz grande saúde espiritual, entre a **consciência do pecado** e a **consciência do perdão**. Sem a primeira estaríamos enganados e não acessaríamos a segunda. É aí que entra a disciplina da confissão. A cruz representa a salvação, mas a salvação não é estática (Fp 2:12). O processo de arrependimento, confissão e perdão é mais do que apenas uma questão de “ir pro céu”, é um estilo de vida a ser perseguido na terra.

Por isso, a confissão é, ao mesmo tempo, uma graça e uma disciplina. É como uma **faxina**: sempre haverá sujeira pra limpar. Confessar é como uma terapia. Faz bem! Reduz as cargas e o estresse. Não **gera** o fato espiritual do perdão (que já está lá), mas torna esse fato uma realidade que suaviza nossa existência subjetiva.

**INTERMEDIACÃO.** A confissão é irmã da comunhão. Achemos que a igreja é uma “comunhão idealizada de santos”. Algo fabuloso, quando, na verdade, é primordialmente uma comunhão de pecadores. Ao nos enganarmos, escondemos falhas e deficiências. E ao nos escondermos dos outros, vivemos em mentiras veladas e hipocrisias.

A Bíblia deixa claro que há na igreja o “**poder** de perdoar pecados” (Jo 20:22-23; Mt 16:19) e que devemos nos confessar uns aos outros (Tg 5:16). Porém, esse é um ministério acessório à realidade do perdão divino. Em poucas palavras, tal **poder** quer dizer que a igreja, ao não anunciar o perdão, pode estar sonegando a liberdade a muitos, e que é função da igreja unir-se ao trabalho do Espírito, ouvindo pecados e anunciando-lhes o perdão. Entretanto, fique assinalado que esse não é um “sistema confessional manipulador” como o que foi combatido pelos pais da Reforma Protestante. Nosso trabalho é libertar os cativos.

Deus não precisa da nossa confissão mais do que nós. Porém, por falta de fé ou outro motivo subjetivo, alguns irmãos, “perdoados” ou não, têm dificuldade

em se apropriar da libertação proporcionada pela cruz. Sentem-se perseguidos, tristes e magoados, mesmo reconhecendo o perdão. Essa dificuldade é compreensível. Confissão, perdão e libertação do pecado integram um processo, contínuo e progressivo, de absorção subjetiva da realidade objetiva e celestial. Cabe-nos perdoarmo-nos sem “dourar a pílula” de nossa iniquidade, e abraçar o caminho da santificação.

A Igreja é instrumento de sacerdócio para guiar o processo de confissão (1 Pe 2:9), que é direcionada ao único que pode perdoar pecados, que é o próprio Deus (Lc 5:17-26). Em uma comunidade cristã saudável deve haver sempre a possibilidade de encontrarmos alguém que possa ouvir uma confissão e colaborar nesse processo subjetivo de fazer fluir o perdão.

**DICAS.** A disciplina da confissão é uma prática pela qual o perdão, um “fato espiritual” preexistente, sai da redoma hipotética para o chão da realidade. Entre os atores está o que confessa e Deus, que ouve, perdoa e trata o coração. Por vezes, há um irmão que ouve a confissão e auxilia nesse processo de experimentar o arrependimento genuíno e o perdão transformador. Algumas dicas:

- 1) Tenha o hábito de se confessar durante suas devocionais. Não pule esse passo.
- 2) Cuidado para **não evitar a culpa**. Confessar, perdoar ou conduzir uma confissão não é evitar a dor da culpa. Lembre-se que “a tristeza, segundo Deus, produz arrependimento” (2 Co 7:10). A tristeza, mais que uma emoção, deve refletir um lamento profundo por se ter ofendido a Deus.
- 3) Cuidado com a **autocondenação**. Alguns mais sensíveis podem mergulhar no excesso de culpa e ficar paralisados (1 Co 2:7-11). É preciso seguir para o arrependimento e para o perdão.
- 4) Quanto ao **detalhamento**, não deve haver uma confissão geral, mas específica, relacionando pecados exteriores (outros viram) e interiores (só você e Deus sabem) como orgulho, avareza, preguiça, glotonaria.
- 5) Lembre-se: um bom ouvinte de pecados alheios não se abala nem se escandaliza. Sob a perspectiva da cruz **somos todos iguais** (Rm 3:23).

Finalmente, ressaltamos que esconder os pecados jamais será uma opção para o crente (Pv 28:13; Sl 32:3-5). Não sermos honestos com nós mesmos acerca de nossos pecados nos transforma em zumbis espirituais e as igrejas em necrotérios. *“A honestidade conduz à confissão, e a confissão conduz à mudança.”* (Richard J. Foster). Nunca esqueça que “Ele é fiel e justo para nos perdoar” (1 Jo 1:9).

## PARA REFLEXÃO:

A confissão é um exercício de reconhecimento da própria indignidade de nossa natureza pecaminosa. Confessar é um sinal de arrependimento e de fé no evangelho e não um ato de descarregamento psicológico do senso de culpa. Diariamente cometemos pequenos deslizes, delitos e pecados que precisamos tratar. Que tal seguir o conselho do apóstolo Paulo e fazer uma autoavaliação? Pare, pense por um instante e responda sinceramente: quais pecados, atitudes ou comportamentos você tem praticado sem que tenha se dado conta de que jamais os confessou a Deus? A falta do hábito da confissão pode estar expondo sua incapacidade em reconhecer que há algo em você que precisa ser corrigido ou transformado. Não reconhecer os próprios erros impede uma atitude verdadeira de arrependimento.

## PARA ORAÇÃO:

Deus perdoa um coração verdadeiramente arrependido (1 Jo 1:9). A oração de confissão é libertadora e nos dá uma profunda sensação de leveza pelo abandono do pecado. Talvez você nunca tenha feito uma oração de confissão. Peça a Deus que lhe mostre seus desvios de conduta, seus pecados e atitudes, e confesse sua incapacidade de se manter o tempo todo no reto caminho. Confesse a Deus em oração suas limitações e clame por graça e misericórdia. Busque no mais íntimo do seu ser aqueles pecados que trazem uma culpa recorrente e os confesse. Você verá como é libertador reconhecer diante de Deus e, se for o caso, dos irmãos as nossas fraquezas. Ele é fiel e justo para nos perdoar. Apenas confesse!